

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E CINEMA NACIONAL: REPRESENTAÇÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL COLONIAL ENTRE OS JOVENS DO OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Edlaine Rodrigues Pereira

Universidade Estadual da Paraíba- edlainerp13@gmail.com

Orientadora: Senyra Martins Cavalcanti

Universidade Estadual da Paraíba- cinematografouepb@gmail.com

RESUMO

Os filmes históricos sobre a escravidão africana no Brasil podem ser uma ponte de análise da sociedade escravocrata na medida em que apontam para as condições sócio-política-econômica que oportunizaram as obras, proporcionando uma mediação de representações, permitindo discursos plurais sobre os temas abordados. O objetivo geral desta pesquisa é analisar as representações mediadas por filmes históricos sobre a escravidão africana nos séculos XVI e XVII no Brasil, entre jovens do oitavo ano do Ensino Fundamental da Educação Básica, com base nos filmes “Xica da Silva” (dir. Carlos Diegues, 1976) e “Ganga Zumba” (dir. Carlos Diegues, 1963). Os objetivos específicos são: identificar como os jovens identificam a verdade na história a partir da comparação que estabelecem entre as narrativas historiográficas e fílmicas sobre a escravidão; discutir a (não) interferência do marcador identitário de gênero na forma como os jovens representam as experiências de escravidão feminina e masculina nos filmes históricos; e analisar como o conhecimento sobre a temática escravidão, oportunizado pelas narrativas dos professores de história e dos filmes históricos, organizam a consciência histórica do jovem em termos da relação que estabelecem entre passado, presente e futuro. A abordagem utilizada nesta pesquisa foi de caráter qualitativo. Tratou-se inicialmente da clipagem dos filmes e a partir daí um roteiro de entrevista foi elaborado para ser aplicado com o grupo focal da pesquisa, após a visualização desses clipes. Esse grupo focal foi formado por nove (9) alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Olímpia Souto, na Cidade de Esperança-PB. Para analisar os dados da entrevista, buscamos fundamento em Rüsen (2010a, 2010b) no que se refere à história e consciência histórica, Fanon (1968, 2008) no que se refere à condição do negro desde a escravidão até a contemporaneidade, Figueira (2009) no que se refere a escravidão africana no Brasil Colonial, Ferro (1992) e Logny (2009) no uso do cinema como fonte histórica, e Chartier (1991) no que se refere à representação. Os resultados da pesquisa demonstram que os jovens representam a escravidão africana nos séculos XVI e XVII no Brasil a partir dos filmes exibidos, como uma vida predominantemente regada a “sofrimentos”, “castigos” e “tristezas”. As conclusões alcançadas apontam que os jovens significam como “verdades” históricas os conteúdos abordados nos filmes e encontram nesta temática da escravidão abordada, a relação entre o passado, o presente e o futuro.

Palavras- Chave: Juventude, escravidão, representações sociais, filmes históricos, ensino Fundamental.

1. Introdução

Na educação, quando o assunto é ensino e aprendizagem é bastante comum que o método usado seja a leitura de livros, artigos e materiais escritos em geral. Quando utilizados, os filmes com conteúdos históricos geralmente são apresentados como atividade de entretenimento ou como atividade complementar nas salas de aulas da Educação Básica, porém, esses filmes são capazes de vir a ser visualizados como matéria documental, uma vez que podem ser uma ponte de análise de uma sociedade na medida em que apontam para as condições sócio-política-econômica que oportunizaram aquela obra.

Ferro (1992) comenta o descaso para com o filme, tratando dessa negligência não como incapacidade ou retardamento, mais como uma recusa em enxergar sua credulidade. Desta maneira, é preciso olhar para o filme não mais como entretenimento e sim, como um objeto de pesquisa, olhar com a mesma relevância dos artigos e materiais escritos em geral, apoiados na afirmação de Logny (2009) quando concorda com Ferro (1992), de que o cinema é fonte da história, fazendo emergir formas de ver, pensar, fazer e sentir. É imprescindível “considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las” (FERRO, 1992, p. 32).

Na perspectiva do filme como fonte histórica, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as representações mediadas por filmes históricos sobre a escravidão africana nos séculos XVI e XVII no Brasil, nos jovens do oitavo ano do Ensino Fundamental da Educação Básica, com base nos filmes “Xica da Silva” (dir. Carlos Diegues, 1976) e “Ganga Zumba” (dir. Carlos Diegues, 1963). Os objetivos específicos foram: conhecer como os jovens identificam a verdade na história a partir da comparação que estabelecem entre as narrativas historiográficas e fílmicas sobre a escravidão; discutir a (não) interferência do marcador identitário de gênero na forma como os jovens representam as experiências de escravidão feminina e masculina nos filmes históricos; e analisar como o conhecimento sobre a temática escravidão, oportunizado pelas narrativas dos professores de história e dos filmes históricos, organizam a consciência histórica do jovem em termos da relação que estabelecem entre passado, presente e futuro.

2. Metodologia

A presente pesquisa intitulada “Educação Histórica e Cinema Nacional: Representações sobre a Escravidão Africana no Brasil Colonial

entre os Jovens do oitavo ano do Ensino Fundamental” é uma pesquisa do tipo descritiva, de caráter qualitativo, que foi desenvolvida com um grupo focal formado por nove (9) alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, na faixa etária entre 14 e 16 anos, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Olímpia Souto, na cidade de Esperança- PB. As ações da pesquisa na Instituição de Ensino foram realizadas no período de 20 de novembro de 2015 a 10 de dezembro de 2015.

Tratou-se inicialmente da clipagem dos filmes selecionados que foram “Xica da Silva” (1976, dir. Carlos Diegues) e “Ganga Zumba” (1963, dir. Carlos Diegues). As seleções das cenas tiveram como base os objetivos propostos pela pesquisa.

Em seguida, buscamos a Escola para desenvolver a pesquisa. Na sequência, elaboramos um roteiro de entrevista para ser realizada com o grupo focal. Para a confecção do roteiro de entrevista fizemos uso de imagens tanto de personagens dos filmes “Xica da Silva” e “Ganga Zumba”, quanto de imagens da vida cotidiana de pessoas negras comuns e montamos cartazes. Utilizamos também duas músicas que tratam da questão da escravidão africana no Brasil Colonial, as músicas selecionadas foram: “Cem Anos de Liberdade, Realidade e Ilusão”, composta por Hélio Turco, Jurandir e Alvinho, enredo da escola de samba da Mangueira em 1988 e “Xica da Silva”, de Jorge Bem Jor, música tema do filme “Xica da Silva”.

3. Resultados e Discussões

Na entrevista realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olímpia Souto, na qual objetivamos identificar as representações e significados mediados por filmes históricos sobre a escravidão africana nos séculos XVI e XVII no Brasil, podemos identificar que os jovens veem os escravos predominantemente como um povo sofrido. Todos os jovens relataram que os escravos tinham uma vida “muito sofrida”, acometida por dores e aflições, sempre que se referem à vida dos escravos eles fazem referência à ausência de “alegria”, “felicidade” e “diversão”. Nesta concepção apresentada pelos jovens, observamos a forte presença da vida de segregação experienciada pelos escravos, vida esta que nos relata Figueira (2009, p. 44) quando aborda o trabalho excessivo e os castigos administrados, “[...] os africanos na extração, no transporte de madeira e nas atividades agrícolas, eram super explorados e muitos morriam em decorrência dos castigos físicos aplicados pelos portugueses.”

Com base nos filmes exibidos, os entrevistados perceberam uma diferenciação de gênero. Para estes há uma distinção na representação que fazem no ser escravo ou ser escrava. O escravo é aquele que faz os trabalhos mais “pesados”, são mais “resistentes” e, por isso, trabalham nas plantações, pois na concepção dos alunos o trabalho na lavoura requer mais força para serem executados. Enquanto as escravas fazem trabalhos mais “leves”, são mais “frágeis” e por essa razão trabalham nos serviços domésticos. Contudo, acreditam que ambos são vítimas de “grandes sofrimentos”, pois, independente do sexo são tratados como “bicho”, servindo apenas para “trabalhar” e “apanhar”.

Cerri (2011, p. 126) citando Canivez (1991) afirma que “há uma cultura de conhecimento do outro que é fundamental para o conhecimento de si mesmo e o exercício da tolerância, que se adquire em grande parte com o saber histórico.” Nesta concepção, verificamos frequentemente nos alunos entrevistados os estereótipos de gênero, a mulher (escrava) reconhecida como um ser frágil, que necessita de um trabalho que melhor se adeque a essa fragilidade. Enquanto que o homem (escravo) é identificado pelos jovens como sendo mais adequados aos trabalhos que requerem mais esforços físicos. Diante dessas afirmações dos jovens entrevistados ao discorrer sobre a distinção dos trabalhos entre os escravos e as escravas, observamos a concordância entre o que nos diz Pedrosa (2013), quando afirma que o trabalho doméstico remunerado é exercido em sua maioria por mulheres e com predominância em mulheres negras.

Pedrosa (2013) aponta que o trabalho doméstico remunerado ainda é marcado pelo desrespeito e a humilhação. Tokarnia (2016) apresenta dados do IBGE de 2014 relatando os baixos níveis de educação e emprego entre os negros, e alta taxa de criminalidade com predominância entre os homens negros. Podemos observar desta maneira que, com baixas condições de educação, emprego e segurança, os negros ainda que “libertos” da escravidão, são maioria entre os trabalhos “mais pesados” e diversas vezes privados de condições dignas de vida.

Ferro (1992) defende que o filme testemunha fatos. Nesta compreensão, os jovens, quando questionados a respeito da veracidade do conteúdo do filme com relação ao que estudaram no livro didático, embora concordem que é mais “gratificante” e “real” ver as cenas que se passam no filme, do que estudar o conteúdo no livro didático, afirmaram que os cliques vistos dos filmes “Ganga Zumba” e “Xica da Silva” não representaram satisfatoriamente os escravos, justamente pela ausência de “maus tratos”, marca forte da escravidão para todos os entrevistados. Relataram nesta

concepção de representação da vida escravocrata, que sentiram falta na apresentação nos filmes, de cenas que detalhassem as condições precárias de vida desses escravos e dos excessivos castigos físicos a que estes eram submetidos. Os referidos filmes mostram o cotidiano da vida dos escravos, sobretudo, o trabalho destes, e embora retrate também os castigos a que eram expostos, a apresentação desses castigos físicos não foi uma questão predominante nas cenas exibidas dos filmes.

Xica da Silva foi um filme brasileiro de grande sucesso de bilheteria quando produzido em 1976, levando muitas pessoas a verem o testemunho da vida dos escravos naquela época. Levando em consideração que, “prestando testemunho sobre o passado do qual elas conservam os vestígios, as imagens cinematográficas ascendem com pleno direito ao estatuto de documentos históricos” (LOGNY, 2009, p. 100). Observamos que apesar do testemunho das imagens cinematográficas e do sucesso do referido filme histórico, o filme é um recurso didático desconhecido entre os alunos, pois nenhum dos entrevistados assistiram o filme antes e relataram não ter essa cultura de assistir filmes históricos.

Uma das jovens fez referência à telenovela igualmente intitulada “Xica da Silva” exibida entre os anos de 1996 à 1997, mais igualmente afirmou jamais ter assistido ao filme. Acreditamos que se o filme, em suas imagens cinematográficas prestam testemunho dos fatos exibidos, neste caso específico, a vida dos escravos no Brasil Colonial, e o filme Xica da Silva foi sucesso de bilheteria, relatando um tempo histórico passado, que é trabalhado no Ensino Fundamental, é reprovável que esse recurso didático não seja utilizado no dia-a-dia da sala de aula.

Rüsen (2010, p. 108) afirma que a “formação é a capacidade de se contrapor a alteridade do passado, de levantar o véu da familiaridade que se tem do passado camuflado na vida prática presente e de reconhecer o *estranho*, assim descoberto como próprio.” Com o objetivo de acentuar a formação dos jovens entrevistados levando-os a reflexão, questionamo-lhes sobre as relevantes conquistas da personagem Xica da Silva, no que se refere a sua ascensão social, que vai desde a aquisição da alforria até tornar-se uma mulher poderosa na época da exploração de diamantes no Arraial do Tejuco. Todos os jovens afirmaram que foi algo bastante incomum para a época, “porque eles sempre foram tratados para ser escravos, e sempre eram tratados assim, por causa da cor e do trabalho pesado e nunca conseguiram mais que isso” (SABRINA, 15 anos). Destacamos desta maneira, que a referida aluna tem uma visão mais ampla da representação de escravidão. Observando que, mesmo inconscientemente, Sabrina percebe que a escravidão está

profundamente interligada com a sociedade da época, sociedade na qual, a cor da pele era suficiente para destiná-los ao “trabalho pesado” e ao conformismo de uma vida desprovida de condições de ascensão social e liberdade.

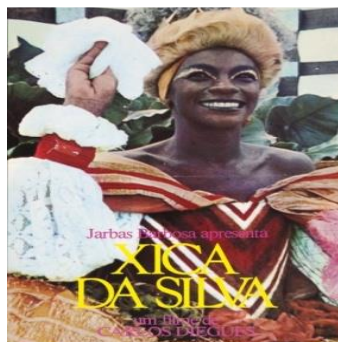
Apresentamos aos jovens duas fotos de Xica da Silva para que eles traçassem um comparativo entre ambas, no sentido de analisarmos a representação que estes tem de Xica enquanto escrava e enquanto alforriada.

Foto 1- Xica da Silva escrava



Fonte: Adoro Cinema (2015) www.adorocinema.com/filmes/filme-6594/fotos/detalhe/?cmediafile=19922901

Foto 2- Xica da Silva alforriada



Fonte: Universidade Federal da Bahia (2005) proext.ufba.br/xica-da-silva-em-copia-restaurada-sera-exibido-nesta-terca-1811

Diante das fotos 1 e 2 acima, traçando um quadro comparativo entre ambas, os jovens relataram tratar-se de uma “evolução”. Segundo os mesmos, a foto 1 retrata a “tristeza” de Xica da Silva quando era escrava. Enquanto que, a foto 2 retrata a “alegria” da mesma depois de conseguir sua alforria. Apresentamos aos jovens para enaltecer a análise das imagens acima, a letra da música tema do filme “Xica da Silva” de Jorge Bem Jor, tratando da ascensão social da referente escrava. Os entrevistados relataram que, apesar da cor da sua pele, Xica mostrou que era capaz de “ir mais longe” do que sua condição de escrava lhe permitia. Para os jovens, a cor da pele não é relevante

no que se trata da capacidade para que uma pessoa ascenda socialmente. Uma entrevistada revela que na foto 2, Xica não parece mais ser uma escrava, pois, a mesma transparece uma “felicidade” incomum aos escravos.

Os jovens entrevistados concordaram que as conquistas de Xica da Silva foram bastante proeminentes para a época, pois, com sua ascensão social, provou que a capacidade das pessoas independe da cor da sua pele. Xica, mesmo sendo negra e escrava, ascendeu o suficiente para se tornar rica e influente em Arraial do Tejuco, na segunda metade do século XVIII. Analisamos neste contexto, que para os jovens entrevistados, independentemente da cor negra ser um marco da escravidão, estes acreditam ser realmente marcante, não a cor da pele, e sim, as condições precárias de vida e a privação de “felicidade”.

Fanon (2008) afirma que a negrofobia é como um ódio que pede para existir, e existe através de manifestações de comportamentos agressivos direcionados aos negros. Não observamos nos jovens entrevistados colocações que demonstrassem ódio ou comportamentos agressivos contra os negros. Ao contrário, os jovens demonstraram objeção às ações de negrofobia apresentadas nos filmes, ou mencionados por eles mesmos, chegando ao seu conhecimento através de exibições na mídia ou verificados na realidade de seu cotidiano.

Rüsen (2010a, p. 91) relata que “os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel.” Seguindo essa linha, apresentamos para os jovens entrevistados a letra do samba-enredo do ano 1988 da Escola de Samba Carioca Mangueira, tendo como tema “Cem anos de liberdade, realidade e ilusão”, que tratou do tema escravidão. Os jovens rapidamente fizeram a correlação entre a letra do samba-enredo e a temática dos filmes exibidos, demonstrando que compreenderam a relação entre o testemunho que os filmes apresentam sobre a escravidão e contextos da vida cotidiana como a letra de uma música de uma escola de samba apresentada em um carnaval carioca. Uma das jovens inclusive se referiu ao fato de que, como apresenta o samba-enredo, os negros ajudaram a construir muitas riquezas do nosso Brasil e não podiam usufruir dessas riquezas. Neste aspecto, a entrevistada comparou a cena do filme “Xica da Silva”, em que esta, mesmo oferecendo dinheiro para a construção da igreja, não pôde entrar na mesma, ainda que sendo alforriada, pois a igreja mesmo sendo construída por negros era destinada aos brancos, não se fazendo possível sobre nenhuma conjectura, um negro adentrar nela. Desta maneira, os entrevistados formalizaram a interação entre o

que relatou o samba-enredo e a vida cotidiana dos escravos apresentadas nos filmes.

Ainda na concepção de analisarmos a relação entre fatos cotidianos e os filmes apresentados, expusemos para os jovens entrevistados fotos de diferentes grupos de negros em situações distintas para que estes dissessem se algo nas fotos os remetia aos filmes.

Foto 3- Grupo de jovens negros



Fonte: RT (2015) actualidad.rt.com/sociedad/view/107279-club-australia-impide-paso-negros

Foto 4- Grupo vocal Negros e Vozes



Fonte: Letras (2015) www.letras.mus.br/grupo-vocal-negros-e-vozes/fotos.html#envie_fotos

Foto 5- Grupo de jovens negras



Fonte: Blog Robson Pires (2015) <http://www.robsonpiresxerife.com/notas/parelhas-comemora-dia-da-consciencia-negra/>

Mediante a exibição das três fotos acima, uma das jovens relatou que as pessoas nas fotos 3 e 4 parecem escravos, porque estão todos “sérios” e parecendo

“tristes”. Já na foto 5, todos estão “felizes” e “sorridentes” o que descaracterizaria a escravidão na percepção deles. Os jovens concordaram por unanimidade com esta reflexão das fotos, o que reforça a análise já realizada antes, de que para esses jovens o fator marcante da escravidão foi às péssimas condições de vida dos escravos e conseqüentemente a “tristeza”, diversas vezes mencionada.

Rüsen (2010a, p. 68) citando Weber destaca que,

O passado só se torna história quando expressamente interpretado como tal; abstraindo-se dessa interpretação, ele não passa de material bruto, um fragmento de fatos mortos, que só nasce como história mediante o trabalho interpretativo dos que se debruçam, reflexivamente, sobre ele.

Com o objetivo de analisar a interpretação dos jovens entrevistados em relação à história da escravidão e suas conseqüências na contemporaneidade, questionamos se para eles, a escravidão realmente chegou ao fim. Todos os jovens concordaram que não, afirmaram que a escravidão perdura até os dias atuais, porém, de uma maneira mais subentendida do que na época da escravidão. Os entrevistados fizeram referência ao preconceito racial ainda presente na atualidade, relatando fatos vivenciados ou conhecidos pelas mídias que expõem casos de racismo e preconceito para com os negros. Analisamos, portanto, que os entrevistados estabelecem o preconceito como uma forma de escravidão, pois, fazem referência aos “maus tratos” como oriundos do preconceito, acarretando a “tristeza” em suas vítimas, e como antes mencionada, esses são os aspectos marcantes da escravidão para os jovens entrevistados.

Fry (2007), afirma que o preconceito e a discriminação racial existem em nossa sociedade, porém, essa mera constatação nada significará sem ações para uma real concretização do que chamamos de democracia racial. Se os jovens já identificam o preconceito racial como uma maneira de escravidão e não concordam com a mesma, faz-se necessário leva-los a refletir sobre a idealização de ações que tornem o menos recorrente possível o racismo e o preconceito contra os negros em nossa sociedade.

Reis (2010) citando Ricoeur (2007) aponta que lembrar é adaptar a memória para fazer uso dela. Nesta concepção, uma das jovens lembrou-se da predominância do racismo através dos relatos ainda vistos na mídia, e aponta o fato dos negros ainda serem vítimas dos trabalhos mais “pesados”. Outro jovem destacou a persistência da escravidão, segundo ele, no Brasil e no mundo, os negros ainda são alvos de grandes discriminações, e isso é resquício do tempo da escravidão. Uma entrevistada afirmou a predominância da escravidão através do preconceito, relatou o acontecimento de sua mãe ter

sido chamada de “escrava” porque é “negra”. Os jovens entrevistados completaram que o preconceito com o negro na atualidade advém do tempo da escravidão.

Verificamos que apesar de em alguns momentos durante a apresentação dos clipes os jovens parecerem dispersos, acompanharam satisfatoriamente os conteúdos das cenas que os filmes apresentaram. As exposições feitas pelos jovens foram baseadas em cenas dos filmes, e mesmo que em suas colocações, os entrevistados expressaram a ausência dos castigos físicos, percebemos que eles analisam a escravidão de uma forma muito mais ampla do que muitas vezes transparecem. Os mesmos percebem a escravidão não como uma naturalização por causa da cor da pele, mas enxergam a opressão da sociedade contra essas pessoas, isso se afirma no fato de para os jovens entrevistados a marca da escravidão não ser a cor da pele e sim, a “tristeza constante”.

4. Considerações finais

Concluimos a relevância do uso de filmes históricos no sentido de mediação das representações acerca da escravidão africana no Brasil Colonial. Os jovens da Educação Básica que formaram o grupo focal da pesquisa demonstraram o quanto os filmes apresentados representam do que eles entendem por escravidão. Como evidência, os entrevistados relataram ser bastante interessante ver assuntos das aulas de história na tela. Observamos neste contexto, que os jovens concordaram com Logny (2009), quando afirma que a câmera confere o peso de uma verdade. Verificamos em nossa pesquisa, ser possível utilizar o filme como agente da história como defende Ferro (1992).

Identificamos de forma bastante forte nos jovens entrevistados o marcador identitário de gênero, na medida em que estes diferenciaram a vida dos escravos e das escravas. Notamos que os jovens se deixam influenciar pela ideologia que inúmeras vezes a nossa sociedade apresenta: da mulher geralmente como um ser “frágil” e do homem como um ser predominantemente “forte”.

Observamos que para os jovens, os fatores marcantes da escravidão foram os “maus tratos”, apresentados por Figueira (2009), na perspectiva dos castigos físicos a que os escravos eram submetidos pelos portugueses. Outro fator marcante analisado foi a “tristeza”, aspecto sempre assinalado por unanimidade pelos entrevistados sempre que se referiram à vida dos escravos.

Os jovens afirmaram não perceber diferença entre a exposição do professor nas aulas de história e os conteúdos exibidos nos filmes em relação à

escravidão no Brasil colonial, apontaram unicamente que as cenas deveriam ter exibido mais satisfatoriamente os inúmeros castigos físicos aos quais os escravos eram submetidos. Outro aspecto bastante marcante na nossa análise foi o fato dos jovens fazerem a relação entre o passado, presente e futuro, referindo-se à escravidão como sendo a raiz do preconceito racial ainda existente em nossa sociedade. Por fim, concluímos que os filmes históricos com a temática da escravidão africana nos séculos XVI e XVII foram bastante relevantes na perspectiva de mediação entre as representações desses filmes e seus conteúdos históricos.

5. Referências

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revista das revistas, São Paulo, v. 5, n. 11, jan/abr. 1991. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010>.

Acesso em: 20 out. 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador : EDUFBA, 2008.

FIGUEIRA, Emilio. Violência gerando deficiência entre os escravos. In: _____.

Caminhando em silêncio: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil. 2. ed. GIZ Editorial, 2009. p. 41-53.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: _____. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 25-47.

_____. Peter Fry: “A democracia racial infelizmente virou vilã”. [2007]. Entrevistador:

Luciano Trigo. **Jornal da ciência**. Disponível em:

<<http://paginas.unisul.br/educs/noticias/junho/peterfry.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

GANGA Zumba Rei dos Palmares. Direção: Carlos Diegues. Vídeo 1963. Internet (100 min). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=uOnK0r6ah4k>. Acesso em: 10 ago. 2015.

LOGNY, Michèle. O cinema como fonte da história. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs.). **Cinematógrafo**: um olhar sobre a história. Salvador: Ed. UFBA: São Paulo: UNESP, 2009. p. 99-131.

PEDROSA, Cláudia Mara. O trabalho doméstico e espaço privado: iniquidades de direitos e seus impactos na vida das mulheres negras. In: SILVA, Tatiana Dias; GOES, Fernanda Lira. (org.). Igualdade racial no Brasil: reflexões do ano internacional dos afrodescendentes. Rio de Janeiro: ipea, 2013. p. 59-77.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UnB, 2010.

_____. **História viva**: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora UnB, 2010.

TOKARNIA, Mariana. **Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo**. EBC Agência Brasil. Brasília: Agência Brasil, 2016. Disponível em:< <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

XICA da Silva. Direção: Carlos Diegues. Sagres Filmes. Vídeo 1976. Internet (117 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=326lhxmCmCk>. Acesso em: 15 ago. 2015.